

Cativando a linguagem religiosa de poder: uma homenagem da vida e obra do biblista, teólogo e ativista social Walter Wink

Engaging the religious language of power:
homage to the life and work of the biblical
scholar, theologian and
social activist Walter Wink

Cativando el lenguaje religioso del podere: un
homenaje de la vida y obra del biblista, teólogo
y activista social Walter Wink

*Helmut Renders**

Introdução

Walter Wink (1935-2012) era teólogo metodista estadunidense com uma breve experiência de trabalho na igreja local (1962-1967). Originalmente de Texas, fez mestrado e doutorado na área da Bíblia no *Union Theological Seminary* (NY) onde trabalhou de 1967 a 1976. De 1976 mudou-se para o *Auburn Theological Seminary* (NY) onde se aposentou em 2005.

Wink era conhecido pelos seus estudos e cursos sobre acessos criativos ao texto bíblico, sua trilogia focando nas “linguagens de poder” e seu engajamento contra regimes opressores em busca da superação das deformações causadas por eles nas suas populações. Mesmo que nunca rejeitou formas de diálogo além da perspectiva cristã, favoreceu uma abordagem cristã do mundo da vida e dos seus discursos.

* Doutor em Ciências da Religião e professor da Faculdade de Teologia e do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Universidade Metodista de São Paulo.

Walter Wink, o biblista: Leituras Novo Testamento em busca de discernimento e empoderamento a favor da transformação de pessoas e ambientes

WINK, Walter. *John the Baptist in the Gospel tradition*. Cambridge: Cambridge University Press, 1968. [Nova edição: *John the Baptist in the Gospel Tradition*, Wipf & Stock Publishers, 2001].

WINK, Walter. *The Bible in human transformation*. Philadelphia: Fortress Press, 1973. [Nova edição: *Transforming Bible study*. 2a ed. Nashville: Abingdon, 1990].

WINK, Walter. *Cracking the Gnostic Code: The Powers in Gnosticism*. [Série Society of Biblical Literature Monograph], Atlanta: Scholars Press, 1993a.

WINK, Walter. *Proclamation 5: Holy Week, Year B*, Minneapolis: Fortress Press, 1993b.

WINK, Walter. *The Human Being: Jesus and the Enigma of the Son of the Man*. Philadelphia: Fortress Press, 2001.

Wink iniciou e encerrou suas publicações como biblista (WINK, 1973; 2001). Vindo da práxis ele focava em novas leituras do texto bíblico, em busca de fornecer novos acessos a texto sagrado (1973), inclusive no seu anúncio mediante da pregação (1993b). A obra de 1973 articula certo desencantamento com o método histórico-crítico clássico que Wink considerava “falido”, afirmação que acabou impedindo a sua plena integração como professor no *Union Theological Seminary*.

Ao lado da sua ênfase em figuras “proféticas” do NT, João Batista (WINK, 1968) e Jesus de Nazaré (WINK, 2001), focava na investigação da linguagem do poder e da autoridade no Novo Testamento (WINK, 1984) e textos gnósticos (WINK, 1993a). O gnosticismo Wink interpretou como sombra do cristianismo testemunhando “a contínua existência da escuridão interior dos remidos” (WINK, 1986, p. 1), sombra aqui entendida, a saber, segundo a proposta do teórico da psicanálise, Karl Gustav Jung.

Walter Wink, o teólogo sistemático: a superação do mito do caráter redentora da violência e as linguagens do poder

WINK, Walter. *Naming the Powers: The Language of Power in the New Testament*, Philadelphia: Fortress Press, 1984.

WINK, Walter. *Unmasking the Powers: The Invisible Forces That Determine Human Existence*, Philadelphia: Fortress Press, 1986.

WINK, Walter. *Engaging the Powers: Discernment and Resistance in a World of Domination*, Minneapolis: Fortress Press, 1992.

WINK, Walter. *The Powers That Be: Theology for a new millennium*. New York: Doubleday, 1999.

A segunda grande parte da sua obra é formada pela trilogia *Identificando os poderes* (WINK, 1984), *Desmasquerando os poderes* (WINK, 1986) e *Envolvendo os poderes* (WINK, 1992), resumido depois em *A existência dos poderes* (WINK, 1999). Nelas, o autor alega como uma das razões de “aproximar-se aqueles antigos símbolos com novo respeito é que uma verdadeira individuação [de pessoas] aparentemente só acontece quando pensamento, sentimento e comportamento sejam integradas ao redor de um sistema de mitos central no coração do *self* (WINK, 1986, p. 2). Sua tese principal é que

os potentados e principais do Novo Testamento é uma categoria genérica que se refere a forças determinantes da existência física, psíquica e social. Estes poderes usualmente consistem em uma manifestação exterior e uma espiritualidade interior ou interioridade. Poder precisa ser encarando, institucionalizado ou sistêmico para ser efetivo. Ele tem um aspecto duplo, composto tanto um forma exterior e visível (constituições, juízes, policia, lideres, conjuntos de escritórios) e um espírito interior invisível que providencia legitimidade, complacência, credibilidade e proteção (WINK, 1986, p. 4)

A articulação de anjos, demônios etc. representava “único meio acessível [...] no mundo antigo” para “discernir e descrever a interioridade das coisas: a projeção simbólica”. Através dela “... eram capazes de monitorar o impacto atual da espiritualidade de uma instituição como o Império Romano...” (WINK, 1986, p. 4). Wink alega em seguida duas tendências opostas na forma atual de interpretar estas projeções simbólicas. Por um lado, a sua mistificação e no mesmo tempo substanciação e personificação, acompanhado pela perda total da importância da dimensão institucional dessas projeções simbólicas; por outro lado, a sociologização da percepção que leva a uma leitura da dinâmica institucional sem considerado de algo como, por exemplo, o “espírito cooperativo” característico para cada instituição, grupo social, até nação ou povo.

Infelizmente, foram os poderes desde então identificados como hierarquias angélicas nos céus, ou como demônios batendo asas nas alturas. A maioria das pessoas, porem, simples consignaram-nos para a o lixo da superstição. [...] Na perspectiva bíblica eles são tanto visíveis como invisíveis, terrestres e celestiais., espirituais e institucionais. Os poderes possuem uma manifestação externa e física (prédios, portfólios, pessoal, caminhões e maquinas de fax) e uma espiritualidade interior, ou uma cultura cooperativista, ou uma personalidade coletiva (WINK, 1992, p. 3).

Wink (1992, p. 4-5) distingue entre a cosmovisão da antiguidade (“tudo que acontece na terra tem uma contrapartida celestial”), uma cosmovisão

espiritualista (“divisão entre alma e corpo, que pertence a ordem criada e corrupta”), a cosmovisão materialista (“O mundo espiritual é uma ilusão”), a cosmovisão teológica (“distinção entre um reino sobrenatural desconhecido aos sentidos humanos, concedendo a realidade terrestre as ciências modernas e preservando uma esfera ‘espiritual’ privilegiado imune a confirmação ou refutação”) e uma cosmovisão integral (“Ela enxerga tudo como tendo um aspecto exterior e interior. Ele procura de tomar sério as introspecções espirituais da cosmovisão bíblica da antiguidade através da afirmação de uma integralidade (*withinness*) e interioridade de todas as coisas, mas entende esta realidade espiritual interior como inextricavelmente relacionado a uma concretização exterior ou manifestação física”). Wink “prefere de pensar dos poderes como entidades á-pessoais”, porém, está consciente da “tendência natural do ser humano de personalizar tudo que parece agir de forma intencional.” A abordagem de Wink não é metafísica, mas, “fenomenológica, isso é” ele tenta a descrever “a experiência que é chamada ‘Satanás, demônios, poderes’, ‘anjos’...” e assim adiante (WINK, 1992, p. 8). Diante disso, observa que “A visão do mal é hoje em dia na perspectiva substanciada

assustador, mas finalmente trivial; seus demônios são simplesmente pessoas imaginárias más com asas e os males gigantescos, reais e esmagadores de nossos dias - o racismo, o sexismo, a opressão política, a degradação ecológica, o militarismo, o patriarcado, a falta de moradia, a ganância econômica - não são sequer mencionados (WINK, 1992, p. 9).

Em seguida analise como mito fundante do sistema de dominação “o mito que a violência representaria uma força ou qualidade redentora” (WINK, 1992, p. 13-108). Com isso, Wink introduz um termo ao lado daquilo que Moltmann chama em alguns dos seus textos que analisam o nacional socialismo a *Todessehnsucht*, a saudade de morrer e outros autores como Rene Gerard, a lógica sacrificial.

A partir daqui desenvolve uma análise em certa proximidade aos estudos pós-coloniais, porém, por meio de um caminho completamente próprio na procura de articular “Discernimento e resistência em um mundo de dominação” (WINK, 1002 [subtítulo]). A compreensão do envolvimento (*Engaging*) (WINK, 1992) dos poderes segue claramente a psicologia jungiana, apresentado como “O terceiro caminho de Jesus: engajamento não violento” (WINK, 1992, p. 175-194), “Não se transformando em aquilo que se odeia” (WINK, 1992, p. 195-208), indo “Além da guerra justa e do pacifismo” (WINK, 1992, p. 209-230) e propondo “Revisonar a história: A não-violência no passado, presente e futuro” (WINK, 1992, p. 243-262). Em seguida, apresenta “A vida

no Espírito” como “Amar os inimigos” (WINK, 1992, p. 263-278), “Monitoramento da violência interior de cada um” (WINK, 1992, p. 279-296) e reflete sobre a relação entre “Oração e poderes” (WINK, 1992, p. 297-318).

Sete anos depois resumiu os quase 1200 páginas da sua trilogia em um livro de 224 páginas, *Os poderes relevantes: uma teologia para um novo milênio* (WINK, 1999).

Walter Wink, o ativista social: Vietnã, o terceiro caminho de Jesus e o apartheid

WINK, Walter. *Violence and nonviolence in South Africa*, Philadelphia: New Society Publishers, 1987. [Nova edição: *Jesus and nonviolence: A Third Way*. Philadelphia: Augsburg Fortress, 2003.]

WINK, Walter. *When the powers fall: reconciliation in the healing of nations*. Minneapolis: Fortress Press, 1998 [Swedish edition: *Healing a nation's wounds: reconciliation on the road to democracy*. Uppsala, Sweden: Life and Peace Institute, 1997].

WINK, Walter. *The system belongs to God*. DVD, UCom Productions, <http://secure.umcom.org/Store/the-system-belongs-to-god>.

O terceiro aspecto, o engajamento social e político, era tanto causa do seu empreendimento teológico como seu alvo. Wink quis contribuir para mudanças reais no mundo, tentando entender as suas dinâmicas e procurar linguagens para articulá-las. *Violência e não-violência na África do Sul* (1987) foi escrito com e para África do Sul e antecede as passagens no terceiro livro da trilogia (WINK, 1992, p. 175-194). EM duas presenças clandestinas Wink discutiu com representantes de igrejas suas intuições teológicas e testou-os na realidade dura antes do fim da Apartheid em busca de uma contribuição no processo da finalização do sistema e da superação dos seus efeitos. A fase depois da queda do sistema da Apartheid Wink reflete na obra *Quando os poderes caem: reconciliação na cura de nações* (1997). Nos capítulos “Contra a dominação [O reino de Deus; Jesus contra dominação; Igualdade econômica; Não-violência]”; “Reconciliação [O que significa reconciliação? ; Perdão verdadeiro e falso; Reconciliação como processo; Verdadeira e falsa reconciliação]” e “Temas da reconciliação [Verdade e impunidade; O lugar da apologia]” trata de assuntos vitais dos quais um recomeço depende.

Considerações finais

Walter Wink cometeu um número considerável de transgressões entre teologia bíblica, sistemática e prática. Com outras palavras: ele era um pioneiro de uma teologia transdisciplinar.

O maior respaldo ele tinha entre os movimentos sociais, especialmente, pelo seu engajamento a favor do combate do sistema da Apartheid e pela sua busca de pistas para a superação das suas sombras e do seu longo e ainda estendido braço.

As obras de Wink focam em temas que paralela e, no mínimo enquanto aos teólogos, posteriormente os estudos pós-coloniais iriam abordar. Com seu foco na superação daquilo que outros identificaram como “espírito do império” (MIGUEZ, RIEGER, SUNG, 2012) ele antecipou uma pretensão bastante atual.

Faz parte dos balanceamentos de Wink sua investigação proposital ao longo da fronteira entre linguagens e imaginários conservadores, às vezes, até fundamentalistas, e imaginários libertadores. Como ele emprega as linguagens de poder se referindo a Satanás, demônios, anjos, anjos das igrejas, das nações e da natureza (WINK, 1986) etc. representa uma tentativa esplendida de abrir uma conversa explorando uma linguagem religiosa bastante popular em muitas igrejas brasileiras.

Finalmente, são as suas reflexões a respeito da verdadeira superação dos resultados de um sistema opressor colonial de interesse especial no momento que se discute o formato e os procedimentos da comissão de verdade neste país.